

As Relações Amordaçadas - Psicanálise Relacional da Pandemia

Manuel Matos

Resumo

Este artigo, escrito no decorrer do confinamento da primeira vaga da Pandemia Covid -19, tem como fio condutor a ideia de que a referida epidemia é a expressão acabada de vários limites ultrapassados com consequências negativas sobre as ligações sociais, as ligações de amizade e as ligações familiares. Exerce um olhar crítico sobre a imposição do distanciamento social e familiar apresentado, paradoxalmente, como solução à pandemia. Enquanto isso passa-se do medo da pandemia à pandemia do medo que, por sua vez, vem amordaçar as relações e condicionar a intervenção psicanalítica e psicoterapêutica. Compreende-se a intervenção psicoterapêutica “on-line” como recurso, mas apresenta-se a relação presencial como insubstituível, sobretudo na psicanálise, pondo em destaque, de maneira transversal em todo o texto, a importância das relações privilegiadas na emergência e manutenção da vida psíquica.

Palavras-chave: Limites; Pandemia; Relações; Virtual; Presencial

Lisboa, 28 de Maio de 2020

A pandemia designada Covid-19 pela OMS, na forma como se manifesta, como se propaga, como atinge os mais vulneráveis, surpreendeu a humanidade. Contudo existiam múltiplos avisos técnico-científicos segundo os quais o modelo económico e civilizacional que tem caracterizado os grandes aglomerados humanos até agora não seria eternamente sustentável.

Será esta pandemia a expressão de todos os limites ultrapassados?

A título de exemplo refiro o Prof. João Caraça, um físico, que no *Público* de 27 de Abril de 2020 defende que a humanidade, para evoluir, terá de ter em conta aspectos da biologia, da ecologia e da economia que descorreu até hoje, nomeadamente do ponto de vista ecológico. Citamos: *a pandemia resulta do excesso louco e insalubre de contactos próximos, frequentes, a qualquer distância, em toda a parte. É uma doença da globalização selvagem que afogou o mundo durante as últimas décadas, apoiando-se na propaganda perversa e enganosa do “low-cost” e das experiências únicas e exóticas.* Trata-se de uma reflexão coincidente com o que nos têm demonstrado os infecciólogos,

acerca do meio facilitador da transmissão da doença viral, a saber, muitas pessoas em pouco espaço, muita actividade humana concentrada atravessada pela ideia segundo a qual qualquer que fosse o nível de desempenho atingido ficava-se sempre aquém; como se a realidade fosse o que falta fazer em detrimento da consolidação do que está feito. Aplica-se aqui o que nos diz Juan José Ibañez (2013) acerca da realidade. A realidade é o que existe, o que temos, ou o que nos falta? (p.21-28)

Investigações acerca da mortalidade em Paris e Departamentos à volta da capital francesa feitas pelo Observatório Regional de Saúde de Paris e publicadas no Jornal *Le Monde* de 17 de Maio 2020 diz-nos o seguinte: 25% dos casais residentes no departamento de Seine-Saint-Denis dispõem em média de 18m² para viver, e em Paris 25% dos casais residentes dispõem de 25 m².

Como implementar distância métrica em tão pouco espaço? E como não pensarmos também a distância que é necessária para que um casal sinta desejo de aproximação relacional?

Na investigação acima referida comparam-se o número de óbitos cumulados entre 1 de Março e 17 de Abril de 2019 com os óbitos ocorridos nesse mesmo intervalo de tempo em 2020. E o que se verifica, a título de exemplo, é que no Departamento de Yvelines contíguo a Versailles, onde há mais espaço e melhores condições de vida, houve mais 67% de óbitos do que no ano anterior, enquanto no Departamento de Seine Saint Dennis, onde em boa verdade não há espaço para implementar distância, o número de óbitos subiu 129%.

Esta pandemia de aglomerados desencadeou a necessidade de impor limites espaciais de proximidade, claramente evidenciados nas medidas tomadas pelos estados de emergência que os diferentes governos europeus decidiram para os seus cidadãos. Os governos do mundo têm vindo a impor a distância social, à laia de reposição dos limites, mas sem considerarem o modo como tudo isso afecta as dinâmicas relacionais das pessoas e a sua saúde mental.

Em Portugal a mensagem afixada tem sido a da obrigatoriedade de respeitar a distância social. Com o distanciamento social implementaram-se distanciamentos relacionais. E as relações de proximidade, que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e manutenção da vida psíquica, ficaram dessa forma coarctadas. Com essas medidas criaram-se distanciamentos afectivos e emocionais e as pessoas têm sofrido com a privação das diferentes manifestações relacionais entre amigos e familiares, renunciando à força a um simples aperto de mão, um abraço, ou um beijo, ou simplesmente de tomar uma refeição ou uma bebida com quem entendessem.

E o erotismo ainda é importante entre os humanos, ou bastam os actos de descarga pulsional? Se bem escutarmos o que ouvimos o erotismo está suspenso, como expressão das relações amordaçadas.

A Direcção Geral de Saúde num dos seus programas televisivos diários chegou a sugerir inicialmente que os casais dormissem em quartos separados se pudessem. E houve pelo menos um Serviço de Ginecologia e Obstetrícia que, embora referisse que não havia evidência de transmissão viral vertical de mãe para o bebé, em caso de parturiente infectada aconselhava a separação mãe recém-nascido, dissociando o aleitamento da amamentação.

Em vez de amamentar retira-se o leite num primeiro tempo para lhe ser dado quando o bebé tiver fome. Se não houver recuo nestas medidas teremos daqui a pouco tempo mais crianças autistas e virão dizer-nos, se não os interpelarmos, que essa perturbação maior do desenvolvimento psíquico se deve ao coronavírus. Quando se aconselham semelhantes medidas pergunto sempre a mim próprio que relação primária mãe-bebé, que relação pele a pele, que inconsciente primário terão tido alguns grupos técnico-científicos para não se identificarem com aquilo que sente um bebé em semelhante situação.

Que obsessão de assépsia é essa que nega a importância da relação mãe bebé na emergência da vida mental e da própria imunidade fisiológica do bebé?

A privação de diferentes manifestações relacionais está a dar origem a neo realidades e a problemas de saúde mental com inesperadas expressões psicopatológicas resultantes das medidas que se implementaram. E talvez a mais importante, de entre elas, seja o modo como as medidas preventivas têm amordaçado as relações a todos os níveis. A própria psicanálise e as psicoterapias estão amordaçadas no seu exercício, a viver uma situação incomum substituindo, pela força das circunstâncias, as sessões clínicas presenciais por sessões virtuais que não deixam de ser cómodas em certas circunstâncias, mas que questionam a privacidade e podem pôr em causa a confiança e a confidencialidade.

No noticiário das 13 horas da Antena 1 no dia 21 de Maio noticiava-se que na Ucrânia havia centenas de bebés em berços colocados ao lado uns dos outros, sozinhos, nascidos pelo método da maternidade medicamente assistida, vulgarmente designada de gestação em barrigas de aluguer, encomendadas por casais que, em virtude do encerramento de fronteiras por causa da pandemia não podem ir buscar os bebés que encomendaram.

Cada vez me faz mais sentido uma afirmação de B. Obama (2020), no Público de 17 de Maio (Citado por António Saraiva Lima, 2020), e que passo a citar: *“Acima de tudo esta pandemia enterrou definitivamente a ideia de que muitos dos responsáveis sabem o que estão a fazer”*.

O que pode a psicanálise relacional, em tempos tão particulares, para intervir socialmente de modo a evitar semelhantes atrocidades aos recém-nascidos?

O que podem fazer as Associações de profissionais da saúde mental, nomeadamente as Associações de psicanálise e de psicoterapia, nos seus países para pôr termo a estas situações?

A psicanálise relacional é uma psicanálise implicada que não se cinge às sessões clínicas. Dispõe de conhecimentos científicos sobre o desenvolvimento e sabe que a psicopatologia corresponde ao esforço que cada humano faz para se adaptar à realidade.

Sabendo nós da importância do brincar no desenvolvimento psíquico da criança o que pensar das medidas que, ignorando isto, entendem que as crianças não devem brincar umas com as outras nem trocar brinquedos entre elas, ensinados a não tocar e a não partilhar? Que consequências, sobretudo naquelas crianças que já têm tendência para a retirada relacional?

Do ponto de vista psicológico o medo foi necessário para implementar medidas de prevenção, sem esquecer que em matéria de prevenção quem menos interioriza a mensagem preventiva são, precisamente, os grupos de maior risco, mas no caso da pandemia Covid-19 o medo ultrapassou o razoável e instalaram-se situações de pânico contrárias a quaisquer medidas preventivas, ao mesmo tempo que se esmagaram as relações.

A priori são as pessoas que são perigosas e temos de nos afastar uns dos outros, mas na realidade o que trespassa do ponto de vista subjectivo, e é isso que prevalece, o que se sente, é que as relações são perigosas e devem ser evitadas, adiadas, suspensas ou amordaçadas. Sim, as relações são complexas, mas sem relações não há vida mental, nada as substitui e na prática psicanalítica e psicoterapêutica nada substitui o presencial. Temporariamente a videochamada, ou o telefone, podem manter relações terapêuticas já estabelecidas anteriormente, mas se ouvirmos os nossos analisandos são relações planas, sem tridimensionalidade e votadas ao desvanecimento.

Na sequência da Covid-19, e segundo o *Jornal de Negócios* de 19 de Maio, terão morrido 1247 pessoas (entre as quais 838 com mais de 80 anos, 243 entre os 70-79 anos). Se as contagens de óbitos seguem os mesmos critérios, Portugal encontra-se ao mesmo nível da Alemanha e da Áustria quanto ao número de óbitos por milhão de habitantes. Muitas pessoas perderam a vida, muitas pessoas que recuperaram da doença ainda estão em sofrimento, as famílias estão de luto. Do que sabemos hoje, as medidas de prevenção eram incontornáveis, somos mesmo referidos como tendo tomado as medidas acertadas, mas para além de determinado limiar é a paranóia.

Em relação às pessoas que a comunicação social designa de idosas a mensagem concreta é a de que elas constituem um grupo de risco porque são mais susceptíveis de contrair a infecção viral. Desde logo o isolamento, a distância social e a separação no seio familiar constitui uma protecção. Mas do ponto de vista subjectivo se as pessoas idosas contraem mais facilmente a infecção viral são obviamente foco de transmissão e de perigo. A representação psíquica que prevalece é a de que as pessoas idosas estão em perigo e fazem perigar o outro, sobretudo os mais próximos e até na sua própria casa.

Na família bloqueiam-se as expressões afectivas e emocionais, suspende-se a relação até mesmo na hora das refeições. Quantos metros de comprimento e de largura terá de ter a mesa da cozinha, da sala de jantar para mantermos a distância prescrita? E que coerência neste distanciamento se, salvo medida em contrário de última hora, poderão viajar no avião 3 pessoas lado a lado em pouco mais de um metro quadrado.

Um dos exemplos gritantes das consequências do medo tem sido a diminuição de pacientes idosos a precisarem de cuidados médicos que não recorrem aos serviços de urgência dos hospitais. Segundo o próprio Ministério da Saúde, 400 mil pessoas evitaram ir às urgências dos hospitais e não se fizeram 2500 cirurgias oncológicas. Com medo, dizemos nós, de contraírem a doença. E, portanto, não sabemos quantas pessoas terão morrido em consequência indirecta do medo da pandemia.

Com medo de estarem infectados e aí saberem a verdade, com medo de contraírem a virose no hospital chegam aí, quando chegam, em situações extremas, ou morrem em casa. E como o isolamento e a distância são necessários, muitas vezes morrem sozinhos porque a proximidade é perigosa, as relações são perigosas e têm de ser evitadas, condicionadas, adiadas ou suprimidas.

Triste fim de uma geração designada de idosa que viveram as consequências da 2ª guerra mundial, que sofreram crises económicas, guerras coloniais, exílios, que foram hóspedes das cadeias da ditadura e que lutaram para que Portugal tivesse tido um 25 de Abril e um país civilizado, e que ainda há dias guardavam os netos para que os filhos conseguissem trabalhar ou estudar.

Esta neo realidade impôs-se como um apagão que deixou cidades desertas, famílias enclausuradas, separou quem queria estar junto, juntou pessoas independentemente da sua vontade. Por muito que as pessoas se gostem precisam de uma distância regulada pelos afectos, pelos laços que têm entre elas o que tem pouco a ver com a distância social imposta.

Enquanto o confinamento decorria passámos do medo da pandemia Covid-19 à pandemia do medo. Saímos do confinamento, retomámos a vida no condicional e em relações amordaçadas”, mas prevalece a pandemia do medo, fora e dentro de casa. Cá fora estamos artilhados de máscara e viseira.

E dentro de casa a proximidade física continuada promoveu aproximação ou afastamento emocional e afectivo entre os familiares? No dia a dia aconselha-se a distanciamento higiénico, o vírus é uma realidade fantasmática. Diz-se do vírus o que se dizia de Deus: “está no céu e na terra e em toda a parte”; por isso fique em casa e opte pelo teletrabalho. Da presença concreta passámos à presença virtual.

Segundo o depoimento de vários psicólogos no *La Vanguardia* de 4 de Maio (Renter, 2020), a Covid-19 trará mais divórcios do que bebés. Salienta o mesmo artigo que em Espanha tem havido um aumento dos pedidos de terapia de casal, o contexto é de baixa da natalidade, pessimismo, desânimo; o que nos mostra bem as dimensões depressivas subjacentes.

Num inquérito “on line” ao qual responderam 94.000 pessoas cerca de 84% entendem que os custos sociais da Covid-19 serão piores do que os da própria enfermidade. Assunto a ter em conta em termos de intervenção e cuidados de saúde psíquica. O desânimo suspendeu cuidados de educação e de saúde com algumas particularidades no âmbito da saúde psíquica; aspecto a ter em conta na própria recuperação da economia.

Ou não? Tenhamos esperança, não muitas, que os governantes percebam que sem saúde mental não haverá saúde pública e sem esta as economias afundam-se.

A pandemia que ainda estamos a viver, cujos contornos são ainda imprevisíveis, manifesta-se num quotidiano de *relações amordaçadas* de contornos paranóides e atingiu em cheio a vida dos seres humanos nas dinâmicas relacionais de desenvolvimento e de cuidados.

Talvez o maior sofrimento dos portugueses, povo de proximidade afectiva e emocional, povo da saudade, sentimento que eu entendo como um aglomerado de representações mentais emocionalmente investidas, e que marcam o ritmo da vida dos cidadãos, reside nos traumas emocionais e afectivos que afectam a vida das famílias, agora e num futuro próximo. Por esse motivo tudo o que diz respeito aos cuidados de saúde psíquica que se exercem na proximidade das pessoas, em particular a psicanálise e as psicoterapias merecem uma reflexão particular.

O confinamento, a ordem para ficar em casa, gerou inicialmente nas pessoas um sentimento de estranheza, um primeiro embate, equivalente a um primeiro momento traumático difícil de pensar. O desconfinamento coloca-nos agora numa realidade que ainda não tínhamos sido capazes de apreender, o que constitui a meu ver o segundo tempo do trauma.

Lembramos aqui o que nos diz B. Cyrulnik (2012) a propósito do trauma e da memória traumática para procurarmos entender a natureza traumática da pandemia: o acontecimento foi tão forte e inesperado que provocou um rasgão na memória. Enquanto estivemos sob o efeito do primeiro embate não conseguimos pensar, ficámos sem capacidade para tratar psiquicamente aquilo que estava a acontecer. *Só a posteriori* o conseguimos fazer. E é agora que se re/apresenta o trauma. O sofrimento psíquico é o sofrimento da representação do embate. É nele que estamos hoje.

Os acontecimentos traumáticos só podem ser pensados *a posteriori*, ou “*après-coup*”, como refere a literatura psicanalítica, e porque a memória e o inconsciente são inseparáveis, é o inconsciente dinâmico, enquanto “instância psíquica” que conserva o que mais tarde poderá ser processado na relação analítica.

A pandemia terá custos sociais elevados que aparecerão associados a sofrimentos psíquicos. Foi um traumatismo psíquico desorganizador que ficará no reservatório de uma memória esgaçada pela perplexidade e estranheza.

As pessoas não podem viver sem relação nem as relações podem ser reguladas por estados de emergência. É bom lembrar que a proximidade continuada, física e concreta, é contrária à proximidade psíquica gerada pela representação da ausência desejante. E na falta do ritmo presença ausência gera-se o caos, a discórdia e o distanciamento definitivo. Muitos casais têm tido conflitos e discussões acesas e quando as terminam nem sabem onde começaram nem porquê.

Cá fora tem sido a distância social, lá dentro a invasão do espaço concreto e do espaço psíquico, a perda da intimidade, a exacerbação de conflitos, situações angustiantes claustrofóbicas e sem saída, perda do desejo, confronto decepcionante com características indesejadas do outro, mais evidentes do que nunca, e sem possibilidade de negação.

Nas dimensões depressivas, com desidealização pela proximidade permanente e à força, têm surgido ruptura de defesas psíquicas, oscilações entre abafamento da espontaneidade, explosões agressivas e perdas relacionais.

Nas famílias, à excepção das crianças mais novas que tiveram a sorte de ter os pais em casa em vez de irem para a creche ou o infantário, são mais as relações pais filhos que se degradaram do que o inverso. As separações entre pais e filhos avós e netos têm sido de sofrimento e impeditivas do que se chama *matar saudades*.

Matar saudades era sinal de reencontro pós distanciamento, mantinha a ligação intermitente entre o afastamento e a aproximação pautada pela representação afectiva e emocionalmente investida. A aproximação obrigatória de confinados em prisão domiciliária colectiva é uma proximidade distanciante. E assim se passa do matar saudades à morte da saudade. Enlouquecedor!

A casa foi obrigatoriamente transformada num aglomerado família-escola-trabalho. De uma patologia de aglomerados passámos a aglomerados psicopatológicos dentro dos quais emergem reacções incontroladas porque a maior parte das vezes são inconscientes na esteira do desaparecimento dos ritmos habituais das pessoas dando lugar a desestructurações caóticas.

A propósito dos ritmos e referindo José Gil em *O caos, o inconsciente e o ritmo: “o mecanismo predominante do inconsciente é a envolvimento” o inconsciente pensa como um pensamento autónomo... o inconsciente evolui do caos*” e *é a acção rítmica que evita o afundamento no caos*. Também o autor nos diz que “*o ritmo não se regula por uma métrica exterior está em constante devir*” (p.293-294). É dinâmico. Ou seja, é animado pelas emoções e pelos afectos veiculados na relação.

A psicanálise é uma ciência do inconsciente, ciência da relação e da subjectividade e rege-se pela métrica interior das representações. Na relação psicanalítica a presença humana, a proximidade física, emocional e afectiva com o paciente é tão necessária como na relação primária. Mas a intervenção psicanalítica também sofreu um apagão

com as medidas de distanciamento. Os psicanalistas não dão colo, mas tem um “Setting” e tem um rosto. Nem um nem outro aspecto pode ser amordaçado, sob pena de passarmos da máscara à mordaza. O que representa para o paciente um psicanalista de máscara, ou viseira? Prevenção ou rejeição?

Com a máscara perdem-se as expressões de autenticidade. Escondem-se as emoções primitivas que se exprimem pelas expressões faciais que denotam afectos de ternura, amor, ou agressividade, nos seus diferentes cambiantes, reveladoras da relação. A máscara transforma-se na expressão das relações amordaçadas, significa atitude defensiva, distanciamento e retirada relacional perante aqueles que procuram relação. Procura-se o psicanalista, a proximidade, acolhimento e relação encontra-se o “psicoinfecologista”; neologismo que somos obrigados a criar para descrever a neo realidade actual.

Dialogando com o nosso colega Hélder Chambel levantámos há dias algumas questões. Entre elas:

- No contexto da pandemia e do desconfinamento que resposta possível em psicanálise relacional?
- Que possibilidades de exercício e com que remodelações do “Setting”?
- São possíveis remodelações do Setting na intervenção clínica com crianças, ou com adolescentes?
- Em que medida a nova e estranha realidade actual afecta a escuta psicanalítica com preocupações relacionais?
- E qual a tarimba necessária para que o psicanalista mantenha a boa distância que lhe permita trabalhar as dinâmicas transferenciais que articulem passado, muitas vezes traumático, presente igualmente traumático, na complexidade da relação psicanalítica?
- Que pertinência têm hoje as interpretações transformantes perante o factual, o concreto e a evidência inegável de novas situações traumáticas?
- No desenvolvimento psíquico há uma trajectória que vai da interacção à relação. A realidade que estamos a viver obriga-nos à trajectória inversa e a deslizar da relação à interacção. Somos “interaccionistas” ou psicanalistas?

Perante a realidade actual somos empurrados para o afastamento e o isolamento. E a retirada relacional é-nos apresentada como a solução, senão mesmo um estilo de vida a adoptar. Uma das frases da linguagem psicanalítica é a de que é necessário tolerar a incerteza. Certo. Mas na actualidade a questão do lidar com a dúvida e a incerteza transformou-se em como lidar com a certeza que temos diante nós. A incerteza era angustiante, mais angustiante é a certeza do presente e a certeza do futuro. Saber que vou morrer amanhã é mais angustiante do que saber que será qualquer dia sem saber quando. Há nisto uma alteração da temporalidade, com bastante semelhança com os processos psíquicos primários que prevalecem na loucura e se regem pela intemporalidade e pelo princípio da não contradição contra todas as evidências.

Do ponto de vista gramatical é como se passássemos do futuro imperfeito, porque incerto, para um futuro que, por não se distinguir do presente, deixa de ser futuro e é um presente continuado e, portanto, enlouquecedor, impensável e autistisante. Vivemos de máscara, relacionalmente amordaçados, e agora no desconfinamento sob a ameaça de voltarmos à prisão domiciliária colectiva, sem direito a rituais nem aos actos simbólicos que ritmam a vida, impedidos de festejar o nascimento, o baptizado, o casamento.

Vivemos paranóica e obsessivamente afastados uns dos outros. O outro é um perigo a menos que esteja aspergido de lexívia. Calaram-se os sinos das igrejas. Já não tocam os sinais, que nos anunciavam a morte de homem ou de mulher, na sequência do qual perguntávamos: quem morreu? Quem morre não tem direito a velório e a família não pode partilhar a angústia da perda irreparável que inicia o luto.

Estamos numa trajectória que vai da máscara à mordaza e nos aponta o risco de um amanhã com um equivalente de um açaimo ou barbilho social.

Nem a polícia política do antigo regime, obviamente por motivos bem diferentes, conseguiu tal façanha. Há dias, numa manifestação em Estugarda lia-se o seguinte: *quem adormece em democracia acorda na ditadura.*

É a destruição da vida psíquica, o rastilho para passagens ao acto imprevisíveis e para que os governantes do mundo imponham o excepcional como norma. E chegam a evocar a utilização de “drones” voyeuristas para nos vigiarem nas praias, ou entabuamento acrílico nos areais. A Google e a Apple preparam até uma aplicação Stop Covid que, a acreditar na imprensa, os franceses e os ingleses, e talvez outros, aguardam com impaciência. Negócio informático em cima da perfeita paranóia.

Nas sessões de psicanálise e de psicoterapia falar da pandemia é incontornável, a realidade sobrepõe-se à subjectividade. Torna-se uma racionalidade dessubjectivante, perdem-se os aspectos simbólicos e da representação. Uma coisa é o que é e nada mais. Sem lugar para a metáfora, ou a realidade implícita das coisas e acontecimentos.

Como escrevia há dias Juan José Ibañez a Maurício Cortina num diálogo entre membros da Associação Internacional de Psicanálise e Psicoterapia (IARPP), precisamos cada vez mais de um funcionamento mental reflexivo.

Perante novas realidades é necessário pensar que a “segurança é co-construída e os pacientes precisam de sentir a incerteza com calma”. É importante não negar a gravidade da pandemia, pensar mesmo no seu agravamento se, após desconfinamento, forem reactivados os modelos económicos e os modos de vida que referimos insustentáveis que referimos anteriormente. É importante não ceder a paranóias, recuperar a vida de relação e pensarmos que as novas realidades não serão todas obrigatoriamente más.

Dizia-nos, há dias, no *El País* o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2020) que passo a citar: *“Não haverá nenhum regresso à normalidade, a nova realidade terá de ser construída sobre a ruína das nossas antigas vidas. Teremos de aprender a sobrevalorizar uma vida muito mais frágil e a compreendermos que não somos mais do que seres entre outras formas de vida”*. Continuando a citação: *na China o coronavírus. salvou mais vidas do que aquelas que matou. A acreditar nas estatísticas oficiais, com a redução da poluição apenas na China salvaram-se 4000 crianças com menos de 5 anos e mais de 73.000 mil pessoas com mais de 70 anos.*

A França, segundo noticiou o *Le Monde*, num artigo recente registou 26.000 mortes por Covid-19, mas por diminuição das micropartículas na poluição atmosféricas registaram-se menos 67.000 mil mortes por problemas cardíaco respiratórios .

Segundo o *Público* (Lusa, 2020) de 12 de Abril, a Av. da Liberdade em Lisboa houve uma diminuição importante dos níveis de dióxido de azoto, (NO₂). Comparando com a média anual dos dias úteis de 2019 houve aí uma redução de 65%. Segundo o jornalista Pedro Pinto registou-se uma redução de 80% das emissões desse mesmo poluente na atmosfera de Lisboa e um redução de 60% na atmosfera da cidade do Porto.

As águas do rio Douro têm hoje níveis de poluição semelhantes aos de 1985, muito mais baixos, portanto. E é possível banharmo-nos sem perigo nessas águas.

A pandemia parece-me, de facto, a expressão de muitos limites ultrapassados. A máscara pode revelar-se decisiva no controlo da pandemia, mas a mordada das relações não promoverá a cura.

Vivemos hoje, em grande parte, privados das ligações sociais, das ligações de amizade e das ligações familiares. E enquanto isso acontecem manifestações de protesto que revelam quão indispensáveis são as relações entre as pessoas.

Porque a mente humana é iminentemente relacional nada substitui a dinâmica das relações no desenvolvimento e manutenção da vida psíquica.

Sem a relação presencial a intervenção psicanalítica ou psicoterapêutica parece-me comprometida. O virtual, quanto muito, dá conta dos aspectos explícitos, mas para compreendermos os aspectos implícitos é necessária a dupla presencial analista analisando.

Referências

Caraça, J. (2020, 27 de abril). Duas ou três coisas que sei sobre a crise covid-19, *Público*.

Cyrułnik, B. (2012). La mémoire traumatique, Conferência na Universidade de Caen

Gil, J. (2018). *Caos e ritmo*, Relógio d'Água Editores.

Ibañez, J. J. M. (2013). *Las dos idades de la mente*, Ágora Relacional

Lima, A. S. (2020, 17 de Maio). Com Trump na mira, Obama critica líderes que “nem sequer fingem estar no comando” da resposta à pandemia, *Público*.

Lusa (2020, 12 de Abril). Covid-19: Avenida da Liberdade com a menor taxa média de dióxido de azoto do século, *Público*.

Renter, A., M. (2020, 4 de Maio). La era Covid: más divorcios que bebés, *La vanguardia*.